
ESGRIMINDO COM BERNSTEIN E BOURDIEU*

Stephen R. Stoer

Não consigo falar de Pierre Bourdieu sem falar de Basil Bernstein, e vice-versa. Para mim, os dois «Bs» são inseparáveis e, como tal, fazem parte da minha própria história de vida. Num espaço de cinco meses – entre Setembro de 2001 e Janeiro de 2002 – ficámos sem estes grandes pensadores, talvez aqueles que mais marcaram o desenvolvimento da sociologia da educação na segunda metade do século XX. Nas palavras de Tadeu da Silva, «não existe provavelmente na sociologia da educação, mais recente, nenhum esforço de pesquisa e de teorização que seja comparável ao de Bernstein e ao de Bourdieu» (Silva, 1996: 11).

1. Os anos 70

Foi no princípio da década 70 que tive o meu primeiro contacto com Bernstein e Bourdieu. Dominam, à época, as teorias de reprodução social e cultural fortemente inspiradas nas obras desses dois sociólogos. Através delas coloca-se a seguinte questão central: «Por que é que a escola não cumpre aquilo que promete: a possibilidade da mobilidade social para todos?» (*ibid.*).

Aluno do Mestrado, no ano lectivo de 1977-1978, em Sociologia da Educação do Institute of Education da Universidade de Londres, estudei, no seminário orientado por Basil Bernstein, a obra de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron intitulada *A Reprodução*, recentemente traduzida para o inglês. Torna-se notável o contraste, apesar do projecto básico ser o mesmo, entre as maneiras como os dois realizam a intermediação entre a estrutura e o estruturado, no caso de Bourdieu através do conceito de *habitus*, no de Bernstein através do conceito de código. Em Bernstein, o projecto explícito é, como diz o próprio, procurar descrever e explicar como «o fora se torna dentro e como o dentro se revela a si mesmo e molda o fora» (Bernstein cit. in Silva, 1996: 14), enquanto

* Publicado originalmente em 2003 no n.º 19 desta revista (pp. 201-205).

que em Bourdieu o objectivo é «tentar compreender como o exterior é interiorizado, como a estrutura estruturada se torna estrutura estruturante e como esta, por sua vez, contribui para modificar aquela» (Silva, *ibid.*). Convidado a apresentar, no referido seminário de Bernstein, o livro de Bourdieu *Esboço de uma Teoria da Prática*, descobri a força do poder simbólico assim como a crítica do etnocentrismo económico de Marx que, como defende Bourdieu, valoriza só aquilo que o capitalismo tem produzido.

Em 1979, sai em Portugal a minha primeira publicação em português: o texto «A Genética Cultural da Reprodução». Este escrito manifesta uma resistência teimosa às teorias de reprodução social e cultural e à sua tendência para «transformar a classe em casta», isto é, defende-se aí que nas teorias de Bernstein e Bourdieu o cultural parece tornar-se, apesar da teorização da sua «distância» em relação ao económico, funcional à reprodução económica e social. Numa tentativa de desenvolver uma abordagem alternativa, procurou-se mais agência, por exemplo, no trabalho de Gramsci, através da teoria do Estado Capitalista de Claus Offe, na noção de resistência de Paul Willis, etc.

2. Os anos 80

A falta de textos-base em língua portuguesa conduziu-nos à necessidade de organizar e publicar uma antologia de textos, em dois volumes, de *Sociologia da Educação* (Grácio, Miranda & Stoer, 1982; Grácio & Stoer, 1983). No 1.º volume, foi publicado um extracto do livro *Les Heritiers* (1966) de Pierre Bourdieu e de Jean-Claude Passeron e o artigo (agora «clássico») «Reprodução Cultural e Reprodução Social» de Pierre Bourdieu (1971). Publicou-se também o trabalho de Bernstein «Aspectos das Relações entre a Educação e a Produção». Nestes textos, os autores tentam afastar a ideia de que as formas da educação e do sistema educativo decorrem directamente das funções económicas que desempenham. Procuram mostrar, antes, como se processa a relação entre economia e educação nas sociedades capitalistas, a fim de precisar a natureza da «autonomia relativa» do sistema educativo e da sua relação com os mecanismos de reprodução da estrutura das relações simbólicas entre as classes sociais nestas sociedades. Defendem que a escola contribui decisivamente para assegurar os mecanismos pelos quais o capital cultural, isto é, o conjunto dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos legítimos» (Bourdieu, 1971), retorna às mãos dos dominantes, assegurando, assim, não só a reprodução da estrutura de classes, mas ainda a da estrutura das relações simbólicas entre as classes.

No 2.º volume são publicados outro extracto do livro *Les Heritiers* e o artigo de Bourdieu intitulado «O Poder Simbólico». Neste último, Bourdieu defende, por um lado, que os «sistemas simbólicos» são instrumentos de conhecimento que exercem poder estruturante, na medida em que são, eles próprios, estruturados e, por outro, que as relações de comunicação são sempre relações

de poder. Em reforço desta última tese, também é publicado neste volume, o artigo de Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron e Monique de Saint-Martin sobre «Linguagem e Relação Com a Linguagem na Situação Pedagógica». Aqui é abordada a problemática da reprodução cultural e da construção do *habitus* através das práticas educativas, por um lado, e a da determinação da relação pedagógica pelo baixo rendimento da comunicação pedagógica na sala de aula, por outro. O trabalho de Bernstein «A Educação Não Pode Compensar a Sociedade» também faz parte deste 2.º volume, tendo como preocupação a interrogação dos pressupostos sociais na base das novas categorias educacionais, como as de «culturalmente carenciados», «socialmente desfavorecidos» e da própria noção de «educação compensatória». Em vez de tentar encontrar maneiras de «compensar» crianças nalgum sentido «deficientes», Bernstein sugere que investiguemos a maneira como as relações de poder criadas fora da escola penetram na organização, distribuição e avaliação do saber através do contexto social.

Ao longo da década de 80, enquanto docente da disciplina de Sociologia da Educação, primeiro no ISCTE, em Lisboa, e, posteriormente, no Ramo Educacional da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e na Licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma universidade, fui acompanhado pelos dois «Bs», que se tornaram simultaneamente em esteios de primeira referência e em teóricos «contra» os quais se pretendeu desenvolver uma sociologia da educação, como acima se disse, mais «agenciada». Pode defender-se que é a «segurança sociológica» oferecida por Bernstein e Bourdieu que tornou este projecto possível (embora não, talvez, realizável).

3. Os anos 90

Os anos 90 trouxeram consigo a possibilidade de explorar mais aprofundadamente alguns trabalhos de Bourdieu e Bernstein, agora no âmbito de um curso de Mestrado em Ciências da Educação, especialização «Educação e Diversidade Cultural» (na FPCE-UP). No caso de Bourdieu, destaca-se, em primeiro lugar, a contribuição, para o seminário realizado no âmbito desse mestrado, da sua concepção do orientador de investigação como «treinador desportivo», desenvolvido no trabalho «Introdução a Uma Sociologia Reflexiva» (capítulo II do livro *O Poder Simbólico*). Ainda mais central é o renovado combate com Bourdieu que se realiza através da releitura do seu texto «Systems of Education and Systems of Thought», publicado pela primeira vez em 1967 (e re-publicado no livro de Michael F. D. Young, *Knowledge and Control*, em 1971). Aqui, a luta com Bourdieu centra-se na sua aparente rejeição da possibilidade de um *habitus* multicultural. Estende-se esta discussão através do seminário, no referido mestrado, do Professor Gustave Callewaert, da Universidade de Copenhaga, que focaliza o contraste e o conflito entre o universalismo da razão em Bourdieu e as tendências mais particularistas de algumas correntes da educação inter/multicultural.

É no IV volume de *Class, Codes and Control, The Structuring of Pedagogic Discourse*, que se encontra novo *input* de Basil Bernstein, agora através da sua sociologia da pedagogia e, mais especificamente, através do conceito de campo de recontextualização pedagógica. Este último torna-se chave para a definição dos limites da realização do próprio processo pedagógico. É também este conceito e o seu conceito-par, «o campo de recontextualização oficial», que permitem explorar a relação entre o Estado e educação, particularmente interessante numa época em que o conhecimento parece ser desviado, como defende Bernstein, do seu objectivo da formação dos indivíduos para outro que se resume na preparação dos indivíduos para a sua colocação no mercado, quer como consumidores, quer como trabalhadores flexíveis.

No fim da década de 90, através do projecto de investigação «Saúde e Bem-Estar nas Sociedades em Transição», realizado na Ucrânia e na Karélia no âmbito do programa europeu Inco-Copernicus, trabalhámos com a metodologia de Bourdieu (1993) que o próprio designa de «objectivação participante». Tendo como fim a realização de entrevistas aprofundadas, procurou-se lidar com o grande desafio que é instigar uma relação de escuta activa e metódica na realização da entrevista, assumida essa como simultaneamente, nas palavras de Bourdieu, «uma construção realista» e uma «espécie de exercício espiritual» através do qual se pratica o esquecimento do «self».

4. Conclusão

Curiosamente, agora que já não temos Bernstein e Bourdieu como interlocutores vivos, sinto-me mais do que nunca em condições de aprender com eles. Isto tem que ver em parte com o próprio contexto em que vivemos e trabalhamos. Por outras palavras, o esbatimento da visão moderna do papel eventualmente emancipador da escola torna mais fácil uma convivência com dois autores que sempre se mostraram críticos ferozes de uma concepção historicista de mudança social. Em segundo lugar, tem que ver, com certeza, com a evolução do pensamento dos próprios autores que, a partir dos anos 80/90, se envolveram em lutas contra uma lógica economicista que ameaçava, e ameaça, a própria relação entre o indivíduo e o conhecimento, lutas essas que tiveram repercussões nas suas próprias teorizações.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. (1967). Systems of education and systems of thought. *International Social Sciences Journal*, XIX, 3.
- YOUNG, M. F. D. (Org.) (1971). *Knowledge and control*. Londres: Collier-Macmillan.
- BOURDIEU, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- SILVA, T. T. (1996). Duas sociologias da educação: Bernstein e Bourdieu. In Tomaz T. Silva (Org.), *Identidades terminais* (pp. 11-30). Petrópolis: Editora Vozes.
- STOER, S. R. (1979). A genética cultural da «Reprodução». *O Professor*, 15, 21-24.